

FAUNO E SÁTIRO:

Era manhã. Era dia de festa. Era dia de tranquilidade. Era dia de música. Era dia de afagos. De danças. De encontros. De corpos. De ciclo. De volúpia. De afetos. Era primavera. (x2)

Era época de acasalamento. A floresta farfalhava encontros. Insetos flutuavam ao redor de flores fecundas, banhando-se de pólen. Disputando com pássaros bocadas de frutas maduras com suco farto e polpas expostas. Aves coloridas se enfeitavam, pavoneando seduções cantadas. Animais performavam cortejos coreografados. As cascas das árvores fumegavam óleos perfumados.

Ainda assim, não foram as cores ou os cheiros que o chamaram: foi o cântico da flauta, voando entre as copas e trepadeiras, guiando-o pela vegetação até onde havia um Sátiro.

Um Sátiro de chifres robustos e retorcidos, seguros e fixos, que não caíam na muda. De roupas de renda sobre o couro marcado. A barbicha castanha cobrindo o queixo, as orelhas caprinas e peludas caídas ao lado do rosto, os cabelos cacheados, ramalhados em folhas com louros. O corpo todo coberto de colares de sementes e contas orvalhadas. Com uma liberdade selvagem incontida, trotava numa celebração pândega.

O Fauno, tomado pela visão, foi se aproximando, conquistado.

O Sátiro tocava absorto quando sentiu um som novo no território que havia demarcado. Um som de cascos gentis, convidados. Um cervídeo majestoso que não invadia nem o ameaçava. O Fauno, com o equilíbrio dos galhos pesados, vagueava pela vegetação ornado da vaidade que germinava da estação. As orelhas cervais pontudas, a pelagem castanha pintada de pontos brancos. A barba musgosa, de um verde intenso regada. Rosas azuis repousavam régias na cabeça com contas coloridas, e folhagens espessas cresciam nos cabelos de raízes ancestrais.

Os olhos de ambos se encontraram com um instinto vibrante. (x2)

A flauta ficou sem fôlego, os passos de dança pararam. Dois pares de cascos amassaram a grama, criando uma caminho que se encontrava. Que os encontrava.

O Sátiro, uma força indomada na selva, recebia a primavera com braços abertos, fazia-se um festival, borbulhante de estímulos. Mesmo assim, nada que antes atravessara seu caminho tivera a exuberância do Fauno. Era como estar no caminho de uma manada. Queria fazer de si e daquele ser, daquele sentimento, cornucópia.

O Fauno, por sua vez, era um elemento de controle nos ciclos marcados pelo giro dos astros, nas migrações dos sentimentos. Era um guardião íntegro. Mesmo assim, não era imune ao farfalhar de feromônios nas lufadas de pelos que vinham do Sátiro, semeando-lhe a vontade daquele par.

Seus olhos se encontraram com um instinto vibrante

O pelos dos dois se eriçaram numa conexão imediata e primordial. Ambos queriam banhar-se nos beijos um do outro, perder-se em suas matas. Casar e acasalar. Queriam a honra de ser para o outro um companheiro.

Sabiam no fundo de seus âmago: aquela era a muda que viria a engendrar seu futuro. Estariam juntos pela vida, como se era natural aos dois que estivessem. Uma conexão que brotava no seus corações, como rios fluviais ligando-os um ao outro.

Haviam achado seu amor, e ali se enlaçaram. Cuidariam um do outro, caçariam juntos, correriam pelos campos livres, floreariam um ao outro, descansariam em suas seguranças.

Não era só terem se encontrado. Haviam se tornado toca no peito um do outro, num afeto frondoso regado de dedicação e sol. Sagrados como a Floresta. E abençoados pela natureza.